

## O USO DO “INTERNETÊS” NA SALA DE AULA

### THE USE OF THE "INTERNET" IN THE CLASSROOM

Cláudia Maria Lins Cavalcanti<sup>1</sup>

Orientador: Prof. Me. Romário Duarte Sanches<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo faz uma análise sobre a linguagem usada na cibercultura: o “Internetês”, abordando formas de como ele pode contribuir com as aulas de língua portuguesa por meio dos gêneros digitais. O objetivo foi constatar se os alunos, do nono ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual localizada no município de Ananindeua no Pará, conseguiam distinguir em quais contextos comunicativos podem utilizar esse novo dialeto. Assim, foi aplicado um questionário, uma entrevista e uma discussão num blog após a leitura de dois poemas: *Poema de sete faces* de Carlos Drummond e *Com licença poética* de Adélia Prado. Analisando a intertextualidade entre eles que foi comentada pelos próprios educandos.

**Palavras-chave:** Cibercultura. Gêneros digitais. Internetês. Língua portuguesa.

**Abstract:** This article makes an analysis about the language used in cyberculture: the "Internet", addressing ways in which it can contribute to Portuguese language classes through digital genres. The objective was to verify if the students of the ninth grade of a state public school located in the municipality of Ananindeua do Pará were able to distinguish in which communicative contexts they can use this new dialect. Thus, a questionnaire, an interview and a discussion in a blog were applied after the reading of two poems: Poem of seven faces of Carlos Drummond and With poetic license of Adélia Prado. Analyzing the intertextuality between them that was commented by the students themselves.

**Keywords:** Cyberculture. Digital genres. Internetês. Portuguese language.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade apresentar os resultados de uma pesquisa realizada junto aos alunos do nono ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Júlia Seffer que fica no bairro Júlia Seffer. Este por sua vez, está localizado em Ananindeua/Pará.

O propósito foi investigar através de um questionário, quantos alunos tinham acesso à internet dentro da sala de aula e se conseguiam acessar variados gêneros digitais. Procurei saber também, se os mesmos confundem-se durante suas escritas, se conseguem distinguir os contextos ou não. Como as respostas foram favoráveis ao que eu buscava, então foi possível

---

<sup>1</sup>Discente do Curso de Especialização em Estudos Linguísticos e Análise Literária, Universidade Estadual do Pará (UEPA). E-mail: [claudialinsclaudia@gmail.com](mailto:claudialinsclaudia@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorando em Linguística e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Estudos Linguísticos pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Graduado em Letras pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá (IESAP) e em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: [romariodsanches@gmail.com](mailto:romariodsanches@gmail.com)

continuar com esta análise, também ainda propus uma discussão no blog específico que foi criado para comentários dos alunos após a leitura de dois poemas: um de Drummond (*Poema de sete faces*) e outro de Adélia Prado (*Com licença poética*), a fim de que os alunos fizessem uma comparação entre os poemas, e, a partir daí, foi ensinado sobre a intertextualidade entre gêneros. Os comentários foram produzidos na linguagem internetês e isso fez com que houvesse maior participação da turma, uma vez que viram o ensino de português em linguagem que faz parte do dia a dia deles.

A partir disso, foi observado como podemos tornar as aulas mais atraentes e participativas com a ajuda da internet, uma vez que nossos alunos já não são mais como aqueles de antigamente. Nós, como professores pesquisadores, temos que nos reinventar e criar métodos que prendam a atenção e desperte o interesse dessa juventude pelas aulas, pois estes jovens estão vivendo a era digital. Por isso, falar sobre o internetês e com a ajuda dele levar conteúdo de língua portuguesa para os alunos, desperta nossos olhares para as novas ferramentas de ensino aprendizagem.

O internetês é a comunicação que os jovens gostam, essa linguagem apresenta um perfil de escrita menos formal, despreocupado, feito de forma rápida, abreviado, simplificado, visual, eivado de símbolos, imagens e combinações de caracteres, Shepherd (2013, p. 40) sintetiza todas essas características explicando: “é nada mais que uma forma de transmitir mensagens, utilizando uma escrita reduzida e “truncada” que imita a modalidade da fala”. Diante disso, toda linguagem é matéria para uma análise linguística científica, pois esta é “uma ciência especulativa. O seu objeto formal é a língua em si mesma, a língua como fato social da linguagem. Não a língua A ou B, mas o fenômeno língua, sua estrutura, seu conteúdo, sua essência, seus processos” (MELO, 1981, p.8).

Assim, este trabalho baseia-se em estudos contemporâneos, os quais demonstram a necessidade das escolas adaptarem-se a uma nova realidade didática que priorize a interação por meio do uso de tecnologias, em especial o trabalho com os gêneros digitais e a utilização do internetês em sala de aula, como ferramenta de apoio que pode contribuir com a assimilação dos conteúdos de língua portuguesa.

A metodologia utilizada foi uma pesquisa realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Júlia Seffer, que abarcou 36 alunos do nono ano do ensino fundamental do turno da tarde, e nesta, foi identificado algumas desatenções por parte dos alunos em relação à diferenciação de contextos, notei também que os mesmos ficam mais à vontade para discorrer sobre algo, quando a escrita é menos formal e ocorre nos gêneros que eles mais utilizam devido gostarem mais como: o *facebook*, os blogs, o *whatsapp* e etc.

O tema: “O uso do Internetês na sala de aula” foi escolhido porque se tornou necessário aos professores de língua portuguesa tanto avaliarem as transformações linguísticas pelas quais passam a sociedade, a partir dos reflexos do crescente desenvolvimento tecnológico computacional que o mundo vem experimentando, quanto compreender como isso pode ser trazido para dentro da sala de aula com o intuito de contribuir com o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa. De acordo com Rubens Almeida (2003):

Não resta dúvida de que a produção e a circulação de textos virtuais trazem grandes desafios para a educação formal das novas gerações. Ainda que esses textos sejam produzidos por meio da escrita, o que recoloca a importância do seu domínio (da escrita) num mundo que, até recentemente, tendia a hegemonia das imagens da televisão, eles se apresentam dentro de um suporte específico (a tela do computador) e adquirem configurações únicas, permitindo, por exemplo, as ações de interatividade por parte do leitor e as múltiplas possibilidades de trajetos de leitura pelas janelas do hipertexto (ALMEIDA, 2003, p.14).

Então, fica entendido que as interações no ambiente escolar são desafiadas pelo novo, não podendo continuar da mesma forma como ocorria, já que essas interações são algo que os professores não podem ficar alheios, pois há uma crescente produção discursiva digital corriqueira por parte dos seus alunos, sabendo que o uso do internetês já se apresenta como uma prática social que deve ser reconhecida, e isso é o que justifica o uso de modalidades variadas da língua nesse ambiente, percebe-se que toda língua só sobrevive a partir do seu uso.

Portanto, essa pesquisa além de identificar e descrever tal variedade linguística: o internetês, expondo seus principais pontos e mediando um contato entre os professores com o novo na língua, também sugere práticas metodológicas demonstrando como se deu a aplicação do projeto em sala de aula, apontando quais resultados foram obtidos a partir dessa experiência.

## 2 A CIBERCULTURA

A revolução tecnológica libertou o mundo dos limites de espaço e tempo que o mantinha, ela trouxe uma forma mais rápida de comunicação e mobilidade que nunca tinha sido experimentada pela humanidade. Para Rubens Almeida (2003, p. 36), nesse ambiente, “a informação circula com muito maior rapidez no mundo virtual”, esse período de tal modernidade iniciou-se nos anos 50 com a cibernética e a informática, as quais surgiram como uma explosão de conhecimentos interligados, unidos com a rapidez e o conforto da

utilização de informações, mas, somente na década de 70, atingiu seu ápice, e, em meados de 1980, foi que se solidificaram de vez.

Após os desdobramentos históricos, culturais, econômicos e sociais, a cibercultura foi se impondo, hoje existem inúmeras definições a seu respeito, para Pierre Lévy (1999, p.15) a cibercultura “expressa o surgimento de um novo universo, diferente das formas culturais que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer”. Para Setton, (2011) a cibercultura

vai se caracterizar pela formação de uma sociedade estruturada através de uma conectividade telemática generalizada, ampliando o seu potencial comunicativo, proporcionando a troca de informações sob as mais diversas formas, bem como fomentando agregações sociais (SETTON, 2011, p. 91).

A partir desses conceitos, entende-se que as multimídias formam uma relação entre a tecnologia e a vida social. Lúcia Santaella (2003, p. 26) aponta que a cibercultura não tem um sentido único, mas sim, sentidos indeterminados numa miscelânea de mídias que produzem mensagens e conhecimentos de diversos tipos como “misturas entre linguagens e meios, misturas essas que funcionam como um multiplicador de mídias”, ou seja, vários elementos são envolvidos como: visuais, auditivos entre outros, que podem conduzir quem a utiliza a uma leitura de mundo diferenciada e mais agradável que de fato atrai a atenção de seu leitor.

É nesse espaço que o professor se torna uma peça central a fim de que a cibercultura possa ser agregada ao espaço escolar, pois o mestre deve acompanhar o crescente desenvolvimento das aprendizagens, Pierre Lévy (2001) afirma que a cibercultura e a educação podem andar juntas num mesmo plano:

O que está em jogo na cibercultura, tanto no plano da redução dos custos como no do acesso de todos à educação, não é tanto a passagem do presencial para a distância e, tampouco, da escrita e do oral tradicionais para a multimídia. É sim a transição entre uma educação e uma formação estritamente institucionalizada (escola, universidade) e uma situação de intercâmbio generalizado dos saberes, de ensino da sociedade por ela mesma, de reconhecimento autogerido, móvel e contextual das competências (LÉVY, 2001, p. 13).

Hoje a maioria dos profissionais que estão inovando em suas metodologias, certamente são autodidatas, uma vez que estão aprendendo sozinhos a lidar com as mudanças em sala de aula, pois não existem fórmulas ou receitas prontas que os ensinem como fazer isso. O que observamos é que há uma consciência por parte desses profissionais de que as mudanças são necessárias, a partir desse pensamento, é que o desenvolvimento cresce e quem ganha é a educação, o aluno e o próprio professor.

Dessa forma, a escola e o professor tem um papel principal na formação do aluno na sociedade tecnológica. A participação efetiva no mundo letrado inclui conhecimentos tecnológicos, e a mediação desse aprendizado pode ser favorecida pelo professor, por isso, Setton (2011) explica que:

a principal função do professor não pode ser mais a difusão dos conhecimentos que agora é feita de maneira mais eficaz por outros meios, a competência do professor deve se deslocar no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor se torna um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão em seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens; do incitamento à troca de saberes, à mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem. A proposta é um aprendizado contínuo (SETTON, 2011, p.103).

Logo, o docente, além de toda a organização escolar, possui a função de “abrir as portas” da cibercultura para seu aluno, mostrando que também há conhecimentos que podem ser adquiridos por meio dessa ferramenta possibilitando a obtenção de informações verdadeiras buscadas e filtradas para um melhor aproveitamento, essa é uma das vantagens entre outras da cibercultura: a propagação e busca de conhecimento, uma evolução natural de cultura produzida pelas sociedades, tendo como uma de suas marcas principais a diversidade e a interatividade alcançadas pela difusão dos suportes eletrônicos, gerando assim, novos gêneros e é o que será abordado a partir de agora.

### 3 CONCEITO DE GÊNEROS DIGITAIS

Os gêneros textuais surgiram da necessidade que o homem teve para se relacionar no processo de comunicação, uma vez que é pela linguagem que os indivíduos interagem com o mundo e procuram sempre atender suas expectativas nos discursos. São exemplos de gêneros: as receitas, os bilhetes, os diálogos, as cartas, etc.. Eles são inúmeros e sofrem modificações ao longo da evolução social, linguística e tecnológica.

Cada um possui sua determinada função comunicativa a serviço da linguagem. Para Bakhtin (1992) os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, uma vez que são produzidos nas mais variadas formas de utilização da língua e hora são como tal, hora se transformam e dão origem a outros, a exemplo disso, o e-mail que está substituindo aos poucos a carta pessoal.

Portanto, falar sobre gêneros implica em reconhecer, ao longo do percurso histórico, essas mudanças ocorridas nesse processo linguístico. Diante dessa observação e sob um maior aprofundamento de pesquisa, foi constatado que no ano de 1988 os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que são princípios de reformas curriculares e que orientam os

professores na busca de novas abordagens metodológicas, propuseram que fosse implantado no currículo das escolas a utilização de gêneros textuais durante as aulas de língua portuguesa, com a prerrogativa de que eram (e continuam sendo) bons aliados na aprendizagem dos alunos, facilitando a fixação dos variados gêneros e compreendendo os diversos contextos utilizados.

Pensando nisso, quando decidi realizar minha pesquisa, tinha em mente que precisava levar conhecimento de língua portuguesa utilizando algum gênero digital e após a entrevista com os alunos constatei que o gênero digital blog foi à escolha mais adequada para aquela ocasião.

Para tal, afirma Dell'Isola (2007):

Como preconizam os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa (PCNLP) é imprescindível o investimento no trabalho com gêneros textuais em sala de aula, pois os alunos devem ser capazes de ler textos de diferentes gêneros “combinando estratégias de decifração com estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação” (DELL'ISOLA, 2007, p.12).

Portanto, os alunos precisam ser ensinados a entender tais estratégias de leitura para poder compreender os determinados contextos em que são empregados os vários tipos de gêneros, pois dominar um determinado gênero consiste em compreender à situação comunicativa na qual a pessoa se encontra exposta.

Marcuschi (2002) declara que apesar de os gêneros possuírem peculiaridades linguísticas e estruturais eles se caracterizam muito mais pelas funções cognitivas, institucionais e comunicativas que desempenham. Ainda segundo o autor, “os gêneros textuais são fenômenos históricos vinculados à vida social e cultural”, e colaboram para a ordenação e estabilização das práticas comunicativas do nosso dia a dia. Por isso, da mesma forma que surgem, desaparecem, pois o que vai determinar sua existência enquanto funcionamento está ligado ao uso das práticas culturais e também tecnológicas, conforme citado, a carta pessoal que está sendo substituída pelo e-mail.

O que foi observado nos gêneros em relação a esse processo de modernidade tecnológica é que as novas práticas sociais discursivas impostas pelo avanço da globalização vêm crescendo e ao mesmo tempo modificando as maneiras de interação entre os falantes, por isso, falar sobre gêneros em sala de aula e utilizar o blog com o intuito de levar conhecimentos explorando maneiras diferentes de aprendizagem, significa adentrar em territórios linguísticos que surgem de uma hora para outra e com pouco espaço de tempo ganham falantes adeptos que em alguns casos também são chamados de seguidores. Isso tem

levado os professores a desenvolverem formas diferenciadas que facilitem o acesso ao conhecimento a partir da realidade social e tecnológica vivida pelos alunos.

Por isso, esta pesquisa mostra como podemos ensinar assuntos de língua portuguesa, aqui foi a intertextualidade, aproveitando conhecimentos que os alunos já possuem sobre os novos gêneros digitais, e assim, com a linguagem própria e característica destes gêneros, envolver os alunos durante as aulas.

Xavier (2005) confirma:

Estes são gêneros emergente que poderiam ser bastantes explorados na e pela escola. Os professores de língua portuguesa poderiam utilizar estes gêneros digitais para dinamizar suas aulas de produção textual. A mudança de ambiente, da sala de aula para o laboratório de informática, e a descoberta das características e potencialidades de desenvolvimento retórico-argumentativo poderiam tornar a aula de português mais empolgantes e atraente. A participação constante dos alunos em tende a ampliar sua capacidade de argumentar sobre temas diversos, levando-os a aprender a refletir dialeticamente sobre as diversas opiniões e construir sua própria síntese sobre as questões em discussão. (...) Desta forma, os gêneros digitais são megaferramenta para desenvolver nos aprendizes a necessária habilidade de construir pontos de vista e defendê-los convincentemente (XAVIER 2005, p. 37-38).

Dessa maneira, essa pesquisa apresenta o internetês sob a forma grafolinguística que circula entre os gêneros digitais como é o caso dos blogs, *whatsapp*, *facebook*, e-mails e twitters entre outras redes sociais que estão se multiplicando rapidamente, a diferença é que estas mensagens ganham uma roupagem nova no formato linguístico e, ao mesmo tempo, conseguem expressar o lado emocional que os usuários conseguem transmitir, hora imitam a fala, hora os sentimentos.

Portanto, trazer para dentro da sala de aula esses novos gêneros digitais emergentes da tecnologia, para que estes contribuam no processo de ensino aprendizagem dos alunos significa proporcionar aos educandos novos modelos de comunicação e linguagem, assim como, diferentes formas de interatividade no processo social e histórico que a tecnologia nos promove, uma vez que esses gêneros possuem características próprias, mas não deixam de ter sua similaridade com outros gêneros pré-existentes.

Por isso, os professores devem levar o uso dos meios de comunicação do cotidiano dos alunos até a escola, pois assim, os educandos terão o prazer em aprender. Belloni (2001) declara que a escola do nosso século exhibe “novos professores e outros alunos”, uma vez que ambos vivem essas transformações sociais e tecnológicas que causam impacto em nossa comunicação. Ou seja, aproveitar as novidades tecnológicas para despertar o interesse pelo

ensino aprendizagem dos alunos, uma vez que estes já não se contentam mais em aprender apenas com giz, quadro e livro impresso.

#### 4 CONCEITO DE INTERNETÊS

Como já foi dito, a linguagem utilizada na internet denomina-se internetês Shepherd (2013) define-o como:

uma linguagem ou linguajar (como se quiser) que os internautas estão espalhando pelo mundo – vem sendo objeto de desconfiança das gerações mais velhas e de grande familiaridade e júbilo para as mais jovens, em especial para aqueles que se entregam de corpo e alma aos encantos da internet e a suas múltiplas possibilidades. Para muitos estudiosos, permanece um grande enigma (SHEPHERD, 2013, p. 37).

Presente nas redes sociais e nos gêneros digitais comunicativos compartilhando informações, fotos, acontecimentos e opiniões, a internet com seu dialeto internetês possibilita a comunicação em tempo real entre as pessoas que usam essa linguagem, como uma forma de inserção social. Essa comunicação que envolve sons, abreviações, escrita e símbolos, deve ser feita de forma rápida e instantânea, a fim de que haja a interação com facilidade e rapidez.

Assim, Marcuschi (2001) também define o texto eletrônico:

os *e-mails* (mensagens eletrônicas) e os *chats* (bate-papos) pela internet, reproduzem estratégias da língua falada. E uma dessas estratégias é a produção de enunciados mais curtos e com menor índice de nominalizações por frase” (MARCUSCHI, 2001, p.100).

Nota-se que o internetês é caracterizado, pela maioria dos teóricos, como uma forma oralizada e abreviada da escrita, ainda Shepherd (2013) explica:

Uma característica do internetês que chama atenção e sobre a qual, todavia, relativamente pouca pesquisa aprofundada vem sendo dedicada até o momento é que estamos diante de uma língua ainda em construção – uma língua sendo moldada de acordo com as necessidades e as convivências que vão surgindo, movida e enriquecida constantemente pela criatividade e engenhosidade dos milhões de usuários e marcada pela concisão e compreensão de redundâncias e de tudo o que é desnecessário do ponto de vista estritamente comunicacional (SHEPHERD, 2013, p. 45).

Assim, entende-se que a escrita no espaço virtual também requer criatividade dos usuários, visto que inúmeros caracteres podem expressar variados sons e sentimentos. Nos *chats*, o uso dos recursos virtuais para as expressões são frequentemente utilizados, pois

indivíduos conectados e ao mesmo tempo conversando não estão se vendo nem se ouvindo, diferente da conversa real ou por telefone, não se pode ouvir ou sentir a entonação de quem escreve, para isso, é que são usados os *emoticons* e as abreviações. Como afirma Chartier (2002):

É o caso da invenção dos símbolos, os *emoticons*, como se diz em inglês, que utilizam de maneira pictográfica alguns caracteres do teclado (parênteses, vírgula, ponto e vírgula, dois pontos) para indicar o registro de significados das palavras: alegria :-) tristeza :-( ironia ;-) ira :-@... ilustram a procura de uma linguagem não-verbal e que, por essa mesma razão, possa permitir a comunicação universal das emoções e o sentido do discurso. (CHARTIER, 2002, p. 17).

Como a escrita deve ser instantânea e a velocidade de que a mensagem chega a seu destinatário deve acompanhar isso, a conversa por meio de *chats* é semelhante à conversa em tempo real, há a tentativa de torná-la mais real possível com a utilização dos *emoticons* que são símbolos que expressam sentimentos e rapidez na digitação, excluindo letras e sílabas, que mesmo estando ausentes, a comunicação não fica prejudicada.

Porém, alguns afirmam que após o internetês, a escrita formal ficou banalizada, segundo Shepherd (2013):

A reação dos adultos ao uso do internetês pela juventude é análoga à atitude que eles têm demonstrado em relação ao uso de tipos de comunicação como a língua do pê. Como já disse, eles se sentem excluídos e discriminados, às vezes até ofendidos, por entender que os usuários da língua do pê estão se enclausurando num linguajar especialmente talhado para tal fim. Talvez haja um pouco de verdade nessa percepção de quem não está devidamente “entrosado” (SHEPHERD, 2013, p. 43).

Na visão dos adultos, sobre o conceito de letramento, vem ocorrendo mudanças, existem os que foram educados antes e os que foram educados depois da internet. Há um período de transição e muitos ainda desconfiam da utilização da tecnologia pelos jovens, observando se eles são ou não capazes de utilizá-la de modo correto. Afirma-se que os mesmos não leem, porém a todo tempo eles estão lendo na internet, no celular, no *facebook* e etc., talvez os jovens não leiam o que os adultos queiram que eles leiam, mas estão lendo algo.

Nos livros didáticos das escolas públicas já se percebe a inserção de debates e reflexões sobre o meio eletrônico, emails, blogs, *chats*, e sua melhor forma de utilizar, como discernir, o que serve e o que não serve etc.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) do ensino médio vêm previstas as competências e habilidades a serem desenvolvidas no campo da informática em sala de aula pelos alunos:

- Reconhecer o papel da Informática na organização da vida sócio-cultural e na compreensão da realidade, relacionando o manuseio do computador a casos reais, ligados ao cotidiano do estudante, seja no mundo do trabalho, no mundo da educação ou na vida privada.
- Construir, mediante experiências práticas, protótipos de sistemas automatizados em diferentes áreas, ligadas à realidade do estudante, utilizando-se, para isso, de conhecimentos interdisciplinares.
- Reconhecer a Informática como ferramenta para novas estratégias de aprendizagem, capaz de contribuir de forma significativa para o processo de construção do conhecimento, nas diversas áreas.
- Identificar os principais equipamentos de Informática, reconhecendo-os de acordo com suas características, funções e modelos.
- Dominar as funções básicas dos principais produtos de automação da microinformática, tais como sistemas operacionais, interfaces gráficas, editores de textos, planilhas de cálculos e aplicativos de apresentação.
- Conhecer o conceito de rede, diferenciando as globais, como a Internet - que teriam a finalidade de incentivar a pesquisa e a investigação graças às formas digitais e possibilitar o conhecimento de outras realidades, experiências e culturas das locais ou corporativas, como as Intranets, que teriam a finalidade de agilizar ações ligadas a atividades profissionais, dando ênfase a trabalhos em equipe.
- Dominar conceitos computacionais, que facilitem a incorporação de ferramentas específicas nas atividades profissionais. PCN, (2000, p. 61-62).

A partir dos PCN é que a escola é desafiada. Como ela pode incentivar os alunos a escreverem, e, ao mesmo tempo conscientizando-os de que cada espaço tem seu contexto específico, e, que devem ser separados e diferenciados de acordo com os momentos. A escola tem que traçar caminhos para atrair os jovens ao mundo da leitura da literatura habitual, dos poemas. Isso foi levado em consideração quando decidi levar o internetês dentro do gênero digital blog, ao mesmo tempo em que mostrei dois poemas pedindo para eles fazerem suas comparações e comentarem no blog sobre a intertextualidade. Para Marcuschi (2001):

Talvez não estejamos suficientemente preparados para a realidade virtual da telinha do computador, tão real como a realidade empírica da página do livro. Com uma diferença essencial: é só desligar a telinha e o texto se esconde. O certo é que estamos chegando à ausência da página, à decomposição da linearidade textual e à desmontagem da própria noção tradicional de texto (MARCUSCHI, 2001, p. 81-82).

Assim, o teórico questiona a preparação da escola hoje diante da realidade virtual que atrai o aluno e muitas vezes o faz preferi-la à explicação do conteúdo ministrado pelo professor: estar com o celular navegando na internet ou ouvir a exposição do mestre?

Por fim, é importante que não se censure precipitadamente o internetês como um problema, ou como o assassinato da língua materna, pois ele é uma variação linguística atual. Certamente veio para ficar, e com o seu uso adequado pode-se aproveitar e entender suas vantagens.

## 5 METODOLOGIA

A aplicação da minha pesquisa para saber como o internetês pode contribuir com as aulas de língua portuguesa envolveu um questionário, uma pequena entrevista e a leitura para a comparação entre um poema de Drummond (*Poema de sete faces*) e outro de Adélia Prado (*Com licença poética*). A finalidade era mostrar a intertextualidade entre os textos para, em seguida, solicitar que os alunos comentassem livremente num blog acerca do que observaram nos dois poemas. Isso foi realizado em setembro de 2016, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Júlia Seffer, que fica no bairro do Júlia Seffer, no município de Ananindeua/Pará.

A pesquisa também teve uma abordagem quantitativa, na intenção de esclarecer e demonstrar alguns aspectos da questão: Quais as influências que o uso constante dessa variação linguística utilizada no mundo digital traz no momento da produção textual dos alunos, assim como saber se eles possuem a noção que cada tipo de escrita tem seu ambiente adequado para o seu uso, para isso, ao mesmo tempo, incentivando a leitura, interpretação de poemas e a identificação da intertextualidade entre eles.

Os dados foram obtidos por meio de um questionário com cinco (5) perguntas aplicadas a trinta e seis (36) alunos do turno da tarde, e a realização de entrevistas com a finalidade de observar qual gênero digital eu poderia trabalhar com eles, de forma que os educandos ficassem à vontade para se expressar. Foi constatado que o blog tinha as prerrogativas que eu precisava para tal finalidade, pois foi observado o uso do internetês nos comentários dos alunos pesquisados falando sobre a intertextualidade encontrada nos poemas.

## 6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

A escola é para o aluno um ambiente que proporciona a sua formação acadêmica. Então, a partir disso, procurei entender quais são os embaraços dos alunos em relação à escrita e às dificuldades de saber contextualizar o uso da escrita formal e da linguagem digital em cada espaço específico.

Aos trinta e seis (36) alunos pesquisados aplicou-se um questionário com cinco perguntas assim descritas:

Você utiliza as redes sociais com que frequência?

Quais as suas maiores dificuldades de aprendizado quanto à língua portuguesa?

Você sente dificuldades para escrever um texto ou redação?

Você tem acesso a computador/internet. Onde?

Quando você escreve um texto acontece de, sem querer, utilizar a linguagem da internet?

Em resposta a primeira pergunta, 95% dos alunos responderam que utilizam as redes sociais todos os dias. Nessa questão ficou constatado o quanto as redes sociais estão presentes na vida dos alunos, já que poucos afirmaram não fazerem uso das redes sociais.

Quanto à segunda pergunta, 90% dos educandos citou à dificuldade de compreensão dos textos, falta de leitura e a dificuldade de colocar no papel suas ideias. Aqui ficou esclarecido quais são as maiores dificuldades dos alunos em relação à aprendizagem da língua portuguesa, nota-se que os embaraços são problemas que envolvem a leitura e a falta dela, todavia é algo que pode ser solucionado.

Para a terceira pergunta 85% dos alunos disseram que têm problemas para redigir uma redação ou um texto. Quando entrevistados sobre que tipos de dificuldades são essas, alguns responderam: a falta de ideias, a falta de conhecimento relacionado ao assunto e dúvidas quanto ao uso da norma padrão. Aqui fica clara, mais uma vez, que a ausência de leitura influencia muito nos problemas relacionados à produção textual.

Na quarta pergunta 100% dos alunos responderam que têm acesso à internet em casa pelo computador ou pelo celular com facilidade. Ou seja, entende-se que atividades utilizando a cibercultura, que até mesmo sejam passadas para casa, podem ser realizadas por eles, pois não há qualquer dificuldade em acessar à internet.

Para a quinta pergunta, somente 10% relataram que, às vezes, se distraem e acabam escrevendo nos seus textos e trabalhos escolares a linguagem utilizada na internet. Fica evidente a conscientização dos estudantes que cada linguagem tem seu contexto específico de utilização e que o internetês, na maioria das vezes, não interfere nas produções textuais ou na hora que eles copiam o assunto do quadro, porém outros, durante a entrevista, afirmaram que às vezes se descuidavam e quando reliam seus textos descobriam algo relacionado ao internetês.

Quando propus a leitura dos poemas e em seguida a discussão num blog, os alunos

me perguntaram se eu ia corrigir os “erros” de português. Expliquei que não seria feita esse tipo de avaliação, pois naquele gênero, eles podiam escrever livremente, já que o intuito era que houvesse a identificação das relações intertextuais entre os dois poemas, e que o blog foi escolhido para tal discussão justamente por permitir uma escrita menos formal, uma vez que este blog foi criado exclusivamente para comentários em Internetês.

Agora apresento uma análise realizada após a comparação do *Poema de sete faces* de Drummond e *Com licença poética* de Adélia Prado.

**Aluna 1** (M. F. R): “...vi no poema de adelia q ela fala mto bem da mulher...q a mulher pode tudo...enquanto q o carlos do poema de drumon e como si fosse um homem incapaz...eu notei isso...kkkkkkk”

Observação: Nota-se que a aluna entendeu que há uma comparação entre os dois poemas, e eu comprovo que o blog incentiva aos comentários, e estes, aparecem recheados de internetês: q (que), mto (muito), si (se), kkkkkkk (risos).

**Aluno 2** (P. H. da C): “...eh... beem....eu acho q consegui entender mto sobre o dialogo dos textos ..soh q concordo com (M. F. F) pq no poema do homem ele sofre???? como si fosse uma maldição na vida dele???? e pra mulher soh coisa boa???? o homem e torto...ela e linda ...esbelta...”

Observação: O aluno (P. H. da C) fala que consegue entender muito sobre o diálogo entre os textos, mas como no blog os comentários são livres e os jovens estão se manifestando ao modo deles, o aluno fica à vontade para cometer alguns desvios da norma padrão, como: não colocar acentos gráficos, vírgulas, exagerar no uso do acento de interrogação. Enquanto ao uso do internetês, observamos no: eh (é), beem (bem), q (que), mto (muito), soh (só), pq (por que), si (se).

**Aluno 3** (M. da T. C.): “...eu ja..tinha ouvido o texto do homem em forma de musica...soh ..hj eu vi ele sendo comparado com outro texto....digo...outro poema...kkkkk...”

Observação: Nota-se que o aluno (M. da T. C.) também comete os desvios da norma padrão, enquanto que o uso do internetês acontece: soh (só), hj (hoje), kkkkk (risos).

**Aluna 4** (A. M. B. N): “...gentemmmmm ☺ ☺ ☺..... kkkkkk....axo q vi coisas d+...kkkkk.....eh como se a mulher reagisse contra a sociedade....pq a mulher sempre teve q viver com essa desigualdade ☹ ☹...a adelia gritou pro mundo...pra mulher reagir.....eh a minha opinião....como si fosse um tapa sem mão na sociedade machista.....kkkkkk”

Observação: A aluna (A. M. B. N) apesar de não citar trechos do poema de Drummond, em compensação faz uma análise profunda sobre a submissão da mulher em relação ao homem. A aluna também usa os *emoticons* para expressar alegria e tristeza. Em

internetês observamos: gentemmmm (palavra “gente”, com prolongamento de letras imitando a voz), kkkkk (risos), axo (acho), q (que), d+ (demais), eh (é), pq (porque).

**Aluno 5** (F. da C. R): “...kkkkkkkk..... anjo torto o homem...kkkkkk....anjo esbelto a mulher...kkkk.... parece brincadeira ....kkkkk ”

Observação: O aluno nota que há uma paródia quando os poemas são comparados, e a linguagem internetês é apenas a imitação de risos (kkkkk).

**Aluno 6** (R. da S): “...tb vejo essa intertextualidade do homem com um fardo grande se lamentando enquanto q a mulher carrega também um fardo + ã se queixa soh q hj num to inspirado p falar.....briguei com minha gata ☹ ”.

Observação: O aluno (R. da S) fala que notou as semelhanças entre os textos, mas como brigou com sua namorada, está sem inspiração para comentar. As palavras em internetês são: tb (também), soh (só), + (mas), q (que), hj (hoje), num (não), p (para), no final e coloca um *emoticon* triste.

Com essas conversas escritas no blog pelos alunos, observei que há um contato bem pessoal, e esses códigos, ou, linguagem utilizada por eles, agilizam e estimulam a conversa. Até aquele momento de aplicação da minha pesquisa, eles falaram que nunca tinham estudado sobre aqueles poemas, mas, sobre intertextualidade sim. Aproveitei a ocasião e fiz a seguinte pergunta: Caso vocês precisassem escrever na linguagem formal, como vocês escreveriam? A resposta foi instantânea, e um a um comentou formalmente suas escritas, sem usar o internetês. Então, comprovei que apesar de usarem a linguagem digital desenfreadamente, sabem onde e quando utilizar esse dialeto.

Quando propus a leitura dos poemas, sabia que não eram leituras habituais deles e o que chamou atenção foi exatamente isso, mostrar poemas clássicos, uma vez que é difícil para os alunos escolhê-los para seus deleites, e, ao mesmo tempo, consegui estimulá-los a encontrar nos poemas a intertextualidade e a partir daí, constatei o uso do internetês entre as conversas.

## CONCLUSÃO

Nesta pesquisa foi observado que o internetês não é um simples desvio da norma padrão, ele faz parte mesmo da competência linguística que os jovens utilizam tendo plena consciência de onde é permitido seu uso. Embora o internetês seja bastante rejeitado por alguns docentes, precisamos aceitá-lo como um auxiliar em nossas aulas, já que faz parte do cotidiano dos nossos alunos.

Sendo assim, a escola deve estar preparada para o desenvolvimento de novas

práticas pedagógicas que contribuam com a aprendizagem dos educandos agregando conhecimento coletivo aos indivíduos, pois não é apenas o uso dos gêneros digitais e da tecnologia como já foi afirmado anteriormente, mas a concepção e o direcionamento da sua utilização que poderá transformá-los num instrumento incentivador no processo de ensino, pois no momento em que o professor recebe o trabalho de pesquisa de um aluno, deve estabelecer um diálogo reflexivo com ele, a fim de estimulá-lo a discussões gerando novas ideias e com o uso do internetês deve-se fazer o mesmo.

Recomenda-se ao finalizar este estudo, algumas reflexões de caráter pedagógico: as escolas devem oferecer aos seus alunos um laboratório de informática, com computadores que funcionem perfeitamente bem, com técnicos e pessoas disponíveis capazes de direcioná-los a pesquisar textos produtivos em sites seguros, assim como produzirem seus próprios textos através de leituras feitas no ciberespaço. Seria muito interessante se cada sala dispusesse de um equipamento multimídia e tela, o que existe na maioria das vezes somente em instituições privadas, essa deveria ser uma meta do Estado com o intuito de oferecer uma educação mais igualitária, uma formação de incentivo ao professor que o ajudasse a trabalhar com os gêneros digitais de forma direcionada e proveitosa ajudando-lhes a organizar atividades de produção textual e leituras.

Finalmente, é de fundamental importância que o Estado faça a sua parte com relação à educação, não adianta colocar computadores numa escola e não haver a manutenção e a formação de pessoas capacitadas para atuarem como mediadoras do conhecimento para com os alunos, também devem ser desenvolvidas ações que perpassem desde o fornecimento de equipamentos até a capacitação pedagógica que envolva toda a comunidade escolar desde professores, alunos, pais e etc., para o uso consciente do acervo tecnológico, com uma construção diária de uma política de inclusão digital e das ferramentas disponíveis. Desse modo, há que se perceber o começo de um processo de desenvolvimento nessa área tão necessitada de boas atitudes e trabalho que é a educação.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rubens Queiroz de. *Leitura no mundo virtual*. In: SILVA, Ezequiel Teodoro da. *A Leitura nos Oceanos da Internet*. São Paulo: Cortez, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. (1992). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BELLONI, Maria Luiza. *Educação a Distância*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BENEDITO, Joviana. *Dicionário da Internet e do telemóvel*. Lisboa: Centro Atlântico, 2003.

- BRASIL. *Ministério da Educação*. Disponível: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf)>. Acesso em: 20/11/2016 às 17:00 h.
- BRASIL. Senado Federal. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*: nº 9394/96. Brasília : 2000.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita/Roger Chartier*; tradução de Flávio M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- FREIRE. Fernanda. A palavra (re) escrita e (re) lida via Internet. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da. *A Leitura nos Oceanos da Internet*. São Paulo: Cortez, 2003.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- \_\_\_\_\_, Pierre. *O que é o virtual?*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P et al.(org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- \_\_\_\_\_, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita na sala de aula. In: AZEREDO, José Carlos de (org.). *Linguagem & Ensino*, Vol. 4, No. 1, 2001. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.
- SANTAELLA, Lúcia. *Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós humano*. Disponível: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3229/2493>> . Acesso em: 21/10/2016 às 07:37h.
- SETTON, Maria da Graça. *Mídia e educação*. São Paulo: Contexto, 2011.
- SHERPHERD. Tania G. SALIÉS. Tânia G. *Linguística da internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

## ANEXOS

### Poema de sete faces

*Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.  
As casas espiam os homens  
que correm atrás de mulheres.*

*A tarde talvez fosse azul,  
não houvesse tantos desejos.  
O bonde passa cheio de pernas:  
pernas brancas, pretas, amarelas.  
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.  
Porém meus olhos  
não perguntam nada.  
O homem atrás do bigode  
é sério, simples e forte.  
Quase não conversa.  
Tem poucos, raros amigos  
o homem atrás dos óculos e do bigode,  
Meu Deus, por que me abandonaste  
se sabias que eu não era Deus  
se sabias que eu era fraco.  
Mundo mundo vasto mundo,  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução.  
Mundo mundo vasto mundo,  
mais vasto é meu coração.  
Eu não devia te dizer  
mas essa lua  
mas esse conhaque  
botam a gente comovido como o diabo.*

**(Carlos Drummond de Andrade)**

***Com licença Poética***

*Quando nasci um anjo esbelto,  
desses que tocam trombeta, anunciou:  
vai carregar bandeira.  
Cargo muito pesado pra mulher,  
esta espécie ainda envergonhada.  
Aceito os subterfúgios que me cabem,  
sem precisar mentir.*

*Não sou tão feia que não possa casar,  
acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.  
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.  
Inauguro linhagens, fundo reinos  
-- dor não é amargura.  
Minha tristeza não tem pedigree,  
já a minha vontade de alegria,  
sua raiz vai ao meu mil avô.  
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.  
Mulher é desdobrável. Eu sou.*

**(Adélia Prado)**

Artigo recebido em: 07/02/17  
Artigo aceito em: 02/03/17